
RELIGIÃO, GÊNERO

E ECOLOGIA

Alegria e honra são os sentimentos que me envolvem nesse momento de apresentar este número de *Caminhos*. Trata-se da partilha de pesquisas em andamento que marcam a vida de quem as faz e que também querem marcar a vida de quem agora as lê na forma de textos. São letras que transpiram e inspiram experiências de várias partes do mundo: Brasil, Portugal, Estados Unidos, Alemanha e Costa Rica. Isto por si só já seria o bastante para tornar este número significativo e academicamente relevante. Mas não é. A questão central é que estes textos oriundos de tantos lugares partilham a preocupação, o trabalho e as contribuições acerca de um ‘lugar’ que se torna cada vez mais comum para todos os lugares: as interconexões vitais e não apenas temáticas das relações entre religião, gênero e ecologia.

A religião carrega em si o poder de organizar e estruturar as relações de vida não apenas das pessoas e entre as pessoas, mas também delas em relação à casa maior que é o mundo, o cosmo, o universo em suas dimensões micro e macro, todas interligadas. Nesse sentido, a religião teve e tem algo a contribuir para a construção das relações de gênero no cotidiano e nas múltiplas dimensões da vida humana. Historicamente ela tem contribuído para criar, justificar, legitimar e/ou consolidar não apenas relações de subordinação, opressão e discriminação entre homens e mulheres, mas também nas relações étnicas e socioeconômicas, ideológicas e político-culturais. Simultaneamente, porém, ela também motivou e respaldou buscas e experiências de resistência, de questionamento do *status quo* e de construção e experimentação de que ‘outro mundo é possível’.

Este ‘outro’, quando acessado, mexe, revolve e movimenta tudo. E nesse processo, acontece um trabalho muito criativo que também carrega em si muitas crises que brotam da reflexão crítica e transformadora. Uma vez experimentado, esse processo não volta vazio... A Palavra nunca retorna igual; ela é sempre

transformad(or)a. Neste sentido, as relações de gênero como relações de poder construídas socioculturalmente também podem ser e são transformadas. Em todos os lugares, o clamor e a luta se dirigem contra sistemas e mecanismos de subordinação, violência, opressão e discriminação, na busca de construir relações em parceria, amor e reciprocidade, o que implica cuidado e respeito, solidariedade e afirmação da dignidade.

Cuidado e dignidade tem marcado, nas últimas décadas, os clamores e as reivindicações também de movimentos ecológicos e ambientalistas em todo o mundo. Aqui igualmente a religião tem importante função e contribuiu tanto para o bem quanto para o mal: justificou a exploração da ‘natureza’, do ‘outro’, a fim de marcar a superioridade e a soberania do ‘homem’: enriquecimento de poucos e miséria da maioria é um dos resultados dessa aventura macabra autorizada por ‘deus’ do capital e do capitol. E já não há tempo... O ecofeminismo, também na sua expressão teológica, soma esforços junto com outros movimentos para não apenas restabelecer algo, mas construir outra mentalidade em relação ao todo que somos todos e todas. Somos seres interdependentes: em nós mesm@s, na interação de todos os nossos órgãos; na relação com outras pessoas, onde sofremos e recebemos influências múltiplas que se refletem na nossa saúde ou doença; na relação com o ambiente, onde cuidado e destruição se co-respondem.

A interconexão e interdependência são elaboradas, de uma forma ou de outra, em cada um dos artigos deste número de *Caminhos*:

A contribuição da professora *Teresa Martinho Toldy* (Portugal) demonstra que mulheres e crianças são as principais vítimas dos desequilíbrios ecológicos geradores de formas de pobreza extrema. Isto não apenas é constatado como ‘caso dado’, mas é analisado no sentido de reconhecer as interligações existentes entre formas de injustiça e de libertação. Teologias feministas são conclamadas a construir ‘ecologias de saberes e de práticas’ de emancipação.

A professora *Wanda Deifelt* (Estados Unidos) elabora perspectivas ecofeministas da corporeidade, do corpo na rede de relações, analisando os múltiplos espaços que habitamos: o corpo pessoal, o corpo comunitário e social, e o corpo cósmico. Com uma metodologia de desconstrução e reconstrução e com a auxílio do referencial de gênero, o tema da corporeidade revela os limites dos estereótipos que condicionam e cerceiam potencialidades e apresenta possibilidades de vivência ética baseada na interdependência de todas criaturas.

A teóloga *Nancy Cardoso Pereira* (Brasil) tece várias tramas dos usos míticos de ‘terra e mãe’ que a sua abordagem exige um circuito de interrogantes que faça a crítica dos imaginários e suas eficiências na cultura com seus desdobramentos políticos e econômicos. Questiona os interesses do discurso e da poética da ‘mãe-terra’ e aponta para formas sociais de atualização desse imaginário.

- A mestranda *Carolina Bezerra de Souza* (Brasil) oferece elementos para uma teologia pública que estabeleça diálogo com a sociedade e a academia, utilizando a categoria de gênero como ferramenta de reflexão teológica autocrítica. Com isto, discute a questão da cidadania feminina em relação à desigualdade e violência contra a mulher e tece reflexão crítica acerca da formação de uma teologia pública que fomente relações de gênero justas e a prevenção da discriminação e violência.
- O doutorando *Paulo Rodrigues Ribeiro* (Brasil) analisa a influência da Romanização na Igreja Católica na construção de uma moral feminina no estado de Goiás nas primeiras décadas do século XX. Demonstra como o discurso liberal dos republicanos foi utilizado para legitimar o novo regime a partir da ideia de progresso, que implica também uma modernização institucional e a separação entre igreja e Estado. Em relação aos valores morais, indica que não houve um confronto entre o clero romanizado e as elites goianas, principalmente no que diz respeito ao enquadramento da mulher em seu papel social como mãe e nutriz.
- As professoras *Ivoni Richter Reimer* (Brasil) e *Claudia Janssen* (Alemanha) apresentam questões controversas na história interpretativa de textos paulinos referentes a mulheres, desenvolvendo reflexões e análises hermenêutico-exegéticas de alguns textos da tradição paulina. Com isso, colocam desafios e perspectivas para tais estudos e revisões, tematizando ministérios eclesiais, trabalhos e funções socioeconômicos, percepções antropológicas e teológicas acerca do corpo e das relações de gênero nos inícios da igreja. Tecem um ‘Paulo plural’ a partir e no contexto das redes de solidariedade nas e entre as igrejas no entorno do Mediterrâneo do século I.
- A professora *Irene Foulkes* (Costa Rica) também analisa um texto da tradição paulina, partindo do pressuposto que a cultura da violência contra mulheres se baseia em fundamentações teológicas que justificam a dominação masculina por meio de símbolos religiosos que são incorporados aos processos de socialização. A simbolização esposo-esposa (Efésios 5) e seus correlatos indicam para uma cumplicidade desta simbologia com a violência contra mulheres. Por isso, tece também algumas estratégias feministas para conseguir uma ressimbolização que privilegie a mutualidade na relação entre esposo e esposa.
- A professora *Carolina Teles Lemos* (Brasil) apresenta argumentos para demonstrar a estreita relação entre religião e patriarcado no processo de construção, manutenção e/ou questionamento das concepções e das relações de gênero. Elaborar conceitos sobre religião, patriarcado e gênero e analisa o processo de construção de uma concepção patriarcal do feminino no espaço da tradição judaico-cristã. Em seguida, apresenta algumas reações das mulheres no Brasil a essas heranças socioculturais patriarcais, via movimento feminista e via teologia feminista.

O professor *Eliézer Cardoso de Oliveira* (Brasil) apresenta e analisa o incêndio ocorrido em 5 de setembro de 2002, na Matriz Nossa Senhora do Rosário, em Pirenópolis/GO. A metodologia hermenêutica de Gadamer contribui para considerar aquela tragédia socioecológica como um evento hermenêutico, pois a mesma revelou vários conflitos de representações: a matriz considerada como um templo religioso e a matriz considerada como um monumento histórico.

O professor *Agabo Borges de Sousa* (Brasil) apresenta um estudo acerca da presença heleenística no Médio Crescente, que não se limitou a um domínio político-econômico, mas se caracterizou como um domínio ideológico-cultural. Entre as reações mais importantes a esse *modus vivendi*, que perpassa todas as dimensões e relações, encontram-se movimentos apocalípticos. Os textos de Daniel apresentam reações às filosofias epicurista e estoica da época.

Em seu artigo, o professor Haroldo Reimer (Brasil) rememora a obra do querido e saudoso professor Milton Schwantes, destacando elementos biográficos e hermenêuticos da mesma. Elabora alguns eixos exegético-hermenêuticos que marcam as produções intelectuais de Schwantes, principalmente em relação à profecia clássica do antigo Israel. Com este artigo, toda a equipe de Caminhos rende homenagem póstuma ao querido mestre e amigo!

A resenha apresentada pelo professor Darlyson Feitosa (Brasil) e os resumos de teses, dissertações e comunicações realizadas no contexto do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás contribuem para enriquecer mais ainda este número de Caminhos.

Com o sentimento de ter realizado o trabalho de coordenar este número, resta-me apenas - ou ainda - desejar boas leituras!

Ivoni Richter Reimer
Editora deste número